

Economia

CORREIO BRAZILIENSE

6 MAR 1987

Em busca da estabilidade

Nenhuma autoridade com responsabilidade de Governo — e muito menos o presidente Sarney — oculta da opinião pública a profundidade da crise que o Brasil atravessa no momento. Se essa transparéncia na postura oficial não chega a desarmar previsões otimistas quanto a uma saída oportuna para a conjuntura adversa, também não inibe avaliações preocupantes sobre a dimensão dos problemas pendentes e em torno das soluções possíveis para superá-los.

Na verdade o País está diante de uma encruzilhada. Necessita com a maior urgência possível manobrar na direção do desvio certo, antes que o comboio da economia possa descarrilar de uma forma catastrófica. Tem todas as condições de ordem material para fazê-lo, ainda que as circunstâncias não sejam as mais favoráveis, em virtude do agravamento das disfunções em suas contas externas. A suspensão do pagamento dos juros sobre os ativos em vermelho dos compromissos internacionais constitui uma espécie de febre a denunciar a debilidade do organismo econômico na presente etapa da vida nacional.

Para tornar mais alarmante a situação, os banqueiros internacionais credores do Brasil reduziram de 15 para 12 bilhões os créditos a curto prazo, de modo que um novo complicador veio incorporar-se aos obstáculos atuais para a expansão das exportações brasileiras. Ao mesmo tempo, o acentuado declínio dos investimentos estrangeiros opera turbulências

de certa magnitude na economia, já que é indispensável manter taxas razoáveis de crescimento e agregar tecnologias de ponta para a modernização do sistema produtivo.

Internamente, a busca da estabilidade econômica impõe a tomada de providências heróicas, como, por exemplo, a eliminação definitiva do déficit público, a reestruturação e renovação da máquina administrativa, a administração mais eficiente do câmbio, a criação de mecanismos de equalização dos preços da economia e o advento de um sistema capaz de conferir maior equilíbrio aos salários. Para alcançar esses objetivos — e os demais vinculados à ordem econômica — parece indiscutível a elaboração de uma política econômico-financeira fundada em critérios objetivos, rigorosamente identificados, embora dotados de algum grau de flexibilidade para ajustarem-se à natureza pendular do sistema econômico nos regimes democráticos.

Uma política com essa destinação obviamente compreende outras titularidades, numa abrangência que deverá ir desde diretrizes de natureza fiscal, financeira e distributiva, até normas diretivas para o emprego dos recursos sob jurisdição dos agentes paraestatais, com passagem necessária sobre as questões sociais, entre as quais sobreleva os salários. E, mais importante ainda, é que os interesses paroquiais de grupos privilegiados sejam postos a reboque dos anseios nacionais, do que resultará a necessidade de uma

política de tal porte ser conduzida com obstinação e energia.

Externamente, o exercício de uma política de tal envergadura serviria para restabelecer a credibilidade internacional do País, abalada pela decretação da moratória, ainda que essa decisão tenha sido imposta para evitar a consumação de todas as nossas reservas em divisas. Mas pouco adianta argumentar com o certificado de nossa correta postura internacional, se a questão, no plano externo, está posta sob suspeções severas e dentro de um círculo de ferro de incompreensões.

Assim, a notícia de que o presidente Sarney comanda uma operação nesse sentido, a partir de mobilização de seu estado-maior político e técnico, encontra a solidariedade de todos aqueles que, conscientes da extensão da crise, desejam superá-la com a maior urgência possível. No contexto dessa operação, seguramente Sarney adotará algumas medidas amargas, como ele próprio vaticinou em recente entrevista. Mas deve desde já recolher prováveis reações de desagrado com a certeza de que os efeitos dessas medidas, conjunturalmente amargas, haverão de suscitar em futuro próximo desafogo considerável da situação econômica e social, em proveito de todos os estratos da sociedade.

Sulcará o solo social com a ferramenta traumática das mudanças, para colher mais tarde, em meio ao reconhecimento geral, os frutos da prosperidade e do bem-estar.